



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)

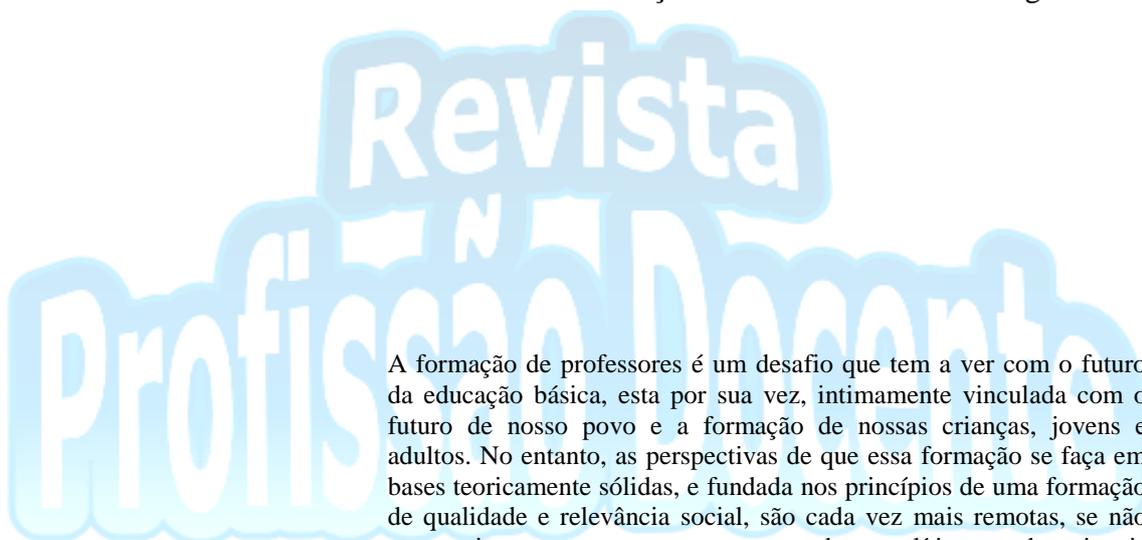


**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

## **A FORMAÇÃO DOCENTE COMO ESTRATÉGIA DE SUPERAÇÃO DO PRECARIZADO TRABALHO DOCENTE**

JÚNIOR, Célio Hely Cury

Mestrando em Educação - UNIUBE [ativacelio@ig.com.br](mailto:ativacelio@ig.com.br)



A formação de professores é um desafio que tem a ver com o futuro da educação básica, esta por sua vez, intimamente vinculada com o futuro de nosso povo e a formação de nossas crianças, jovens e adultos. No entanto, as perspectivas de que essa formação se faça em bases teoricamente sólidas, e fundada nos princípios de uma formação de qualidade e relevância social, são cada vez mais remotas, se não conseguirmos reverter o rumo das políticas educacionais implementadas (...). (ANFOPE, 2002)

No século XX, a sociedade contemporânea viu-se desafiada em suas instâncias pública, privada e do terceiro setor, a responder, rápida, qualitativamente e quantitativamente, às inusitadas demandas nela e dela geradas, para o homem do século XXI. "Contemporâneos de nosso tempo, como outros sujeitos sociais, estamos inseridos nos ritmos da vida moderna, nas melodias da história, compondo sua sincronia nas intersecções rítmicas da escola, da família, da cidade." (TEIXEIRA, 1999, p. 89).



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

A atenção a este ritmo próprio e pessoal é uma das variáveis que nos permite estar bem ou não conosco mesmos. De fato, a vida cotidiana moderna nos exige estarmos em constante e contínua interação e correspondência com as transformações econômicas, culturais e sociais que o mundo vem passando. Não foi e não tem sido diferente para os trabalhadores docentes nas diversas áreas da vida cotidiana. "A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação."(HELLER, 1997, p.18).

Focalizar neste artigo a resignificação da formação e do trabalho para o profissional docente em um contexto de sucessivas precarizações, traz à discussão questões como: que ações este profissional assume no convívio/relacionamento interpessoal e no seu dia a dia? Quais elementos propiciam ou favorecem as mudanças das práticas docentes? Quais condições de trabalho e de vida ou extra-trabalho favorecem a superação do quadro que têm levado ao limite da insatisfação no trabalho o profissional docente? Acredita-se que o encaminhamento de respostas a essas questões passa necessariamente, dentre outros aspectos e fatores, pela análise sobre a formação que recebem estes profissionais docentes, no sentido de verificar, assim, seus conteúdos, aplicações, intensidades e intencionalidades.

O interesse de tal tema surge principalmente por conta de uma crescente mudança no modo de ser e de atuar do profissional docente que, a cada dia, se mostra mais estressado, tanto em função das exigências desprovidas de caráter humano que se colocam para a realização do seu trabalho, quanto pela precarização e pauperização por que têm passado a formação, as condições de trabalho e o próprio trabalhador



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

docente, onde à deterioração do trabalho aliam-se propostas de flexibilidade nos contratos laborais, sob meros ditames do mercado, socialmente inaceitáveis.

[...] esta é uma situação que torna o trabalhador vulnerável, com escolhas e poder de negociação cada vez mais reduzido. Ou seja, a precarização acaba sendo ‘vendida’ como a solução para o desemprego, mais ou menos como aquela história de ‘melhor ter um na mão do que dois voando’. “O pior é que isso é tratado como inevitável, como uma espécie de pequeno pedágio que seria preciso pagar para se ter acesso aos benefícios da modernização acelerada e violenta do capitalismo”, critica. E completa: “O custo humano não entra na contabilidade, não são levados em consideração o sofrimento, a angústia e a incerteza que isso causa no trabalhador” (BRASIL, 2004, p. 76).

Será então que aspectos como estes, apontados acima, são preocupações que devem ser consideradas durante a formação docente? E qual será o seu lugar nela? Que relações podem ser encontradas entre trabalho precarizado, saúde e formação docente ?

Os processos de precarização e pauperização vêm provocando fortes alterações na qualidade de vida dos trabalhadores, quer por baixos salários, quer pelo excesso de trabalho que acaba por contaminar o seu tempo livre para o lazer, pela perda de autonomia, quando não, pelo medo do desemprego, pela desqualificação e impossibilidade de uma formação continuada, pela aceleração do ritmo de trabalho que é imposto pela globalização e conseqüente mercantilização e ainda, pelos desgastes da saúde física e mental destes trabalhadores carregados de sintomas referidos ou diagnosticados, tais como: irritação, nervosismo, cansaço, entre outros, que podem dificultar seu desempenho na vida afetiva, social e profissional.

Como poderá um trabalhador da educação, em condições cada vez mais precarizadas, avançar em seu profissionalismo e em sua profissionalidade?

Como construção social e histórica, o conceito remete-se a uma realidade dinâmica, onde convivem as exigências de eficácia e produtividade do trabalho e a necessidade de um trabalhador qualificado, competente, com o aumento da seletividade no mercado de trabalho, o desemprego, a precarização do emprego e a diminuição do poder de negociação dos trabalhadores. (DELUIZ, 1995, p. 34)



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

Esse contingente de trabalhadores docentes se sente então desprotegido, ignorado pelas escolas, em constante rotação, sem direito a uma formação continuada que lhes garanta um embate justo, eficiente e eficaz diante das dificuldades que se apresentam dia a dia.

O trabalhador docente se vê cada vez mais, com menos tempo livre para estudos, para sua melhor formação e qualificação, tantas são suas tarefas no dia a dia e em praticamente todos os dias da semana, além de todos os efeitos complementares da "contaminação" crescente da sua vida pelo trabalho e pela escola que permanecem nele "colados" de tal forma que deles não consegue esquecer, mesmo que queira.

Isto posto, conferir a necessidade de estudos quanto ao trabalho docente precarizado, vivenciado atualmente por grande parte dos profissionais docentes da rede escolar no ensino da educação básica e evidenciar os efeitos que uma má formação docente vem produzindo na subjetividade do docente e conseqüentemente no seu trabalho são imperiosos para a educação.

Consideramos que problemas ligados à docência não são recentes no país, mas constantes e crescentes, e cercam as condições de formação e de trabalho dos professores. Porém, os estudos da relação formação e trabalho docente ainda requerem avanços, como o sugerem os balanços da literatura. São exceção os estudos de autores como Oliveira (2004), Zaragoza (1999), Teixeira (1999), Naujorks (2002), Nóvoa (1992), Dejourn (1994), Contreras (2002), Imbernon (2000), entre outros, que vêm realizando estudos acerca do assunto.

Percebemos o profissional docente dentro desse espaço de atuação, permeado, de um lado pela necessidade imperiosa de qualidade, produtividade, utilidade e competitividade, de outro, por uma precarização de sua formação, levando-o ao distanciamento de uma prática docente carregada de significados e sentidos..



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

Em outros termos, a produção mercantil, o tempo do trabalho vendido, comprado e apropriado, impôs a rítmica da produtividade como parâmetro do mundo moderno e contemporâneo. E embora não seja um padrão único ou absoluto, é o que predomina. É hegemônico. Os ritmos da vida social contemporânea, que circunscrevem a experiência temporal docente, radicalizam as características que apresentavam na emergência da sociedade moderna (TEIXEIRA, 1999, p. 106).

A produtividade é então, elemento que vêm afetando diretamente a qualidade de vida no trabalho do profissional docente, pois, o mesmo se vê obrigado a dar conta de todas as exigências postas pela escola. Por outro lado, a formação profissional que o mesmo recebe, não tem dado conta de assinalar para tal questão.

Segundo Gasparini, (2005), alguns estudos apresentam resultados consistentes e abrangentes que dão visibilidade às precárias condições do trabalho docente (anos de 1990) e motivos de doença na categoria. As condições de trabalho, ou seja, as circunstâncias sob as quais os docentes mobilizam as suas capacidades físicas, cognitivas e afetivas para atingir os objetivos da produção escolar podem gerar sobreesforço ou hipersolicitação de suas funções psicofisiológicas. Se não há tempo para a recuperação, são desencadeados ou precipitados os sintomas clínicos que explicariam os índices de afastamento do trabalho por transtornos mentais, doenças do aparelho respiratório e doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo.

Atividades pedagógicas permeadas por circunstâncias desfavoráveis forçam a uma reorganização e improvisação no trabalho planejado, distorcem o conteúdo das atividades e tornam o trabalho descaracterizado em relação às expectativas, gerando um processo de permanente insatisfação e induzindo a sentimentos de indignidade, fracasso, impotência, culpa e desejo de desistir, entre outros (GASPARINI, 2005, p. 194).

Nesse contexto, percebemos que a atuação do profissional docente torna-se mais fragilizada. Tal fragilidade já pode ser notada através de pesquisas sobre os afastamentos e exonerações destes trabalhadores de seus cargos, além de estender para o isolamento e a recusa em buscar uma formação profissional.



Em estudos recentes, Gasparini (2005) tem colocado em evidência as dificuldades que o professor tem para realizar as tarefas diárias com satisfação, explicando o quadro encontrado de nervosismo, tensão e preocupação entre os mesmos.

À busca pela realização pessoal e profissional confronta-se ainda a necessidade de descanso e de afetividade na convivência com a família, de participação em encontros culturais e sociais, de praticar esportes e manter os corpos saudáveis, bem como de aspirar à liberdade, ao sentir-se sufocado pelas limitações que pertencem ao dia-a-dia dos trabalhadores docentes.

Assim, a qualidade de trabalho relaciona-se a fatores como satisfação, prazer, alegria e sobretudo, saúde.

Frise-se, ainda, que problemas afetos à temática da organização (divisão de tarefas, de homens, de tempo e de espaço) e do (re)planejamento do trabalho são também da maior relevância para que seja abordada de maneira produtiva e objetiva a discussão sobre qualidade do trabalho. (LACAZ, 2000, p.154).

Mas mesmo antes da discussão sobre qualidade do trabalho devemos atentar para a questão da qualidade da formação oferecida aos docentes.

Por isso, a questão prática está duplicada por uma questão quase existencial e a transformação da prática está duplicada pela transformação pessoal do professor, condição tida como capaz não só de transformar a prática pedagógica do professor e prepará-lo para atender às exigências que se colocam para sua profissão na atualidade.

Tendo como referência Contreras (2002), vemos que a perda da autonomia do professor intensificou-se a partir do processo de “proletarização” do magistério, que com a racionalização do ensino, as escolas transformaram-se em organizações de ensino padronizadas.

A análise da proletarização do ensino, baseada nos estudos sobre a proletarização em geral, indica a perda de autonomia no trabalho como perda humana em si, que supõe realizar uma tarefa reduzida ao seguimento de prescrições externas, perdendo o significado do que se faz e as capacidades que



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

permitiam um trabalho integrado, com uma visão de conjunto e decisão sobre seu sentido. A desqualificação, a rotina, o controle burocrático, a dependência de um conhecimento alheio legitimado e a intensificação conduzem à perda de autonomia, perda que é em si mesma um processo de desumanização no trabalho. (CONTRERAS, 2002, p.194)

Almejada por grande parte da categoria, principalmente por aqueles professores que tem buscado não ficar apenas com a formação inicial, a autonomia assume uma dimensão muito mais ampla, já que defende a capacidade do professor para agir de forma competente e a tomar decisões que viabilizem a realização de um trabalho competente. A autonomia não pode ser entendida como um processo individualista e que dispensa a contribuição de outros indivíduos.

Estudos sobre o assunto têm apontado que os docentes citam como fatores de agravamento do problema, a quase inexistência de projetos de educação continuada que os prepare para enfrentar a nova demanda educacional; o elevado número de alunos por turmas; a infra-estrutura física inadequada; a falta de pesquisas e trabalhos pedagógicos em equipe; o desinteresse da família em acompanhar a trajetória escolar de seus filhos; a indisciplina cada vez maior; a desvalorização profissional e os baixos salários, situações que fogem de seu controle e preparo.

Sentimentos de desilusão e desencantamento com a profissão evidenciam a vulnerabilidade dos profissionais docentes, gerando um processo de permanente insatisfação e induzindo a sentimentos de indignidade, fracasso, impotência, culpa e desejo de desistir, entre outros.

Entendemos que não se trata de querer que a formação e o trabalho docente, desde a forma como são organizados, operacionalizados e até idealizados, aconteçam às mil maravilhas, porém, que se dêem de forma, no mínimo mais humana e que possibilite ao trabalhador docente, prazer, autonomia, alegria e conquistas pessoais e profissionais.



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

De modo geral, pode-se dizer que esse momento pelo qual passa a formação e o trabalho docente é resultado, principalmente, das transformações que ocorrem na sociedade, em como a mesma tem se desenvolvido e do modo como está organizada. Aspectos esses que no seu conjunto interferem no envolvimento e na auto-realização do professor com o trabalho.

Incidindo sobre a formação e conseqüentemente sobre o trabalho docente a precarização significa quase sempre pauperização da vida pessoal nas suas relações entre vida e trabalho. Porém, apesar de toda esta precarização que se instaurou na formação e trabalho docente, o trabalhador docente se descobre cheio de potencialidades e reconhecido sujeito de seu fazer cotidiano, quando se abre a um processo de profissionalização, pela formação continuada ou pontual que seja.

A compreensão desta relação, formação e trabalho docente deve ainda, ser fundamentada a partir de dados de realidades, processo imprescindível para se conhecer a natureza de tal realidade e suas conseqüências para a educação e educadores. Talvez um caminho produtivo para que se dê essa melhor compreensão da realidade docente, seja privilegiar as narrativas dos docentes acerca de si mesmos e de suas necessidades e contextos de trabalho. Chegar o mais perto possível dos questionamentos dos docentes e trabalhar com suas demandas nos permite aproximar da prática e do cotidiano docente em sua profundidade e sua complexidade. Isso abre caminho a uma produção de resultados que pode ser ponte para passarmos das resistências docentes à evolução de sua profissão.

## REFERÊNCIAS

ANFOPE. Documento final do XI Encontro Nacional da Associação Nacional dos Profissionais da Educação. Florianópolis, 2002. BRASIL, Isabel. Revista Retsus. Novembro, 2004.



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



CONTRERAS, J. A. Autonomia de Professores. São Paulo: Cortez, 2002.

DELUIZ, N. Formação do trabalhador: produtividade e cidadania. Rio de Janeiro: ShapeEd., 1995.

GASPARINI, Sandra Maria, BARRETO, Sandhi Maria e ASSUNCAO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. Educ. Pesqui., maio/ago. 2005, vol.31, no.2, p.189-199. ISSN 1517-9702.

HELLER, Agnes. Estrutura da vida cotidiana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LACAZ, Francisco Antônio de Castro. Qualidade de vida no trabalho e saúde/doença.

Ciênc. saúde coletiva, 2000, vol.5, no.1, p.151-161. ISSN 1413-8123.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Cadências escolares, ritmos docentes. Educ. Pesqui., jul./dez. 1999, vol.25, no.2, p.87-108. ISSN 1517-9702.

ZARAGOZA, J. M. E.. O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. Tradução: Durley de Carvalho Cavicchia. 3ª ed., Bauru: Edusc, 1999.

### **Celio Hely Cury Júnior**

Possui graduação em educação física pelas Faculdades Integradas de Uberaba (1985), especialização em ciência da preparação física pelas Faculdades Integradas Castelo Branco do Rio de Janeiro (1990) e mestrado em educação pela Universidade de Uberaba (2007). Atualmente é coordenador e docente do Curso de Educação Física no Centro Universitário do Planalto de Araxá, onde ministra as disciplinas: Lazer e Recreação - Fundamentos do Voleibol - Esporte, Lazer e Sociedade - Filosofia - Políticas Públicas em Esporte e Lazer e Gestão da Educação Básica e Políticas Públicas. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: esportes coletivos, lazer e recreação, políticas públicas e formação de professores.